



Sarmiento e a nação traumatizada: uma narrativa nacional

Fabio Feltrin Souza*

Resumo: O argentino Domingo Faustino Sarmiento construiu uma narrativa para a nascente nação no século XIX. Suas criações tipológicas não só estão repletas de elementos exteriores ao que se denominaria de Argentina, como também anunciam que sua escrita é marcada pelo trauma de nunca ter tido uma educação formal. A permanente tensão entre civilização e barbárie na obra do letrado é uma marca constitutiva da própria construção do seu “eu” e do “eu” da nação. Assim como Sarmiento superou todas as adversidades impostas pelos caudilhos para ilustra-se, a Argentina deixaria para traz o atraso e a barbárie. Sarmiento narrou-se como o próprio herói da civilização. Ele se quis como paradigma, como exemplo nacional, por isso se fez como monumento revestido de sacralidade a ser cultivada pelas gerações futuras. Monumento que ganhou contornos de violência ao excluir todo aquele que estivesse fora de sua moldura nacional.

Palavras-chave: Nação. Sarmiento. Argentina.

Abstract: Domingo Faustino Sarmiento, an Argentine writer, constructed a narrative for the nascent nation in the nineteenth century. His typological creations were full of outside elements, as also announced that his writings are marked by the trauma of never having a formal education. The tension between civilization and barbarism in the intellectual's work is a constitutive trait of the building your own "self" and the "self" of the nation. If Sarmiento overcame all the adversities imposed by caudillos in your formal education, the Argentina could overcome the barbarism. Sarmiento is narrated by himself like a hero of the civilization. He was thought as a paradigm, as an example for the people. He imagined that your life was sacred monument. A monument made of violence when the other was excluded of the narrative of the nation.

Key-words: Nation. Sarmiento. Argentine.

Facundo,¹ *civilización y barbarie*² foi escrito pelo argentino Domingo Faustino Sarmiento em resposta às provocações do emissário do governador de Buenos Aires,

* Doutor em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS - Campus Erechim).



Juan Manuel de Rosas, no Chile, país onde Sarmiento estava exilado. A obra foi publicada em forma de folhetim entre 2 de maio e 5 de junho no jornal chileno *El Progreso* em 1845. O livro conta as peripécias do caudilho Facundo Quiroga em suas batalhas militares. Aliado de Rosas, opunham-se ferozmente aos unitários e aos grupos simpatizantes, como os jovens românticos da “geração” de 1837 que, além de Sarmiento, contava com Esteban Echeverría, Juan Maria Gutiérrez e Juan Bautista Alberdi. Pretendo neste artigo discutir como Sarmiento, de maneira bastante singular, constrói uma narrativa da nação absolutamente contaminada pela narrativa que desenha de si mesmo.

Marcado pelo *fora*, o texto tido como inaugural da nação argentina ou como fundante de uma literatura nacional, pulsa exterioridade, violência e contaminação. Sua fundação é pós-fundação e é nesse rasgo que se insere a dobra: ao mesmo tempo em que Sarmiento pensa o pampa argentino, descreve o Império brasileiro, e vice-versa, ao escrever para um jornal chileno (ANTELO, 1998, p.43). Dois anos antes do encontro que teve com Jose Mármol no Rio de Janeiro,³ em 1846, Sarmiento já havia tornando pública, na imprensa chilena, suas opiniões sobre o Império brasileiro. Para o republicano argentino, leitor de Guizot e Montesquieu, nenhum outro país da América, além do Brasil, poderia impulsionar-se em direção à civilização e à modernidade tendo um império como forma de governo. Aqui se observava, aos olhos do argentino, uma perfeita sintonia entre uma monarquia progressista e uma nascente burguesia manufatureira e assinala que a queda de Pedro II poderia lançar o Brasil na mais completa barbárie. É mirando o contexto brasileiro que aparece o primeiro texto de Sarmiento apresentando a tensão dicotômica entre civilização e barbárie, portanto antes da escrita de *Facundo*:

En las orillas del territorio brasilero encontramos pueblos pastores, movedizos, jinetes, hombres del desierto, acostumbrados a vagar, por las necesidades mismas de su industria, en la mayor parte del dia. Esto sucede principalmente en las provincias del sur, que es donde, por el contacto con la República del Paraguai, se halla espuesto el Imperio a las influencias desorganizadores del caudillo argentino. El Brasil,

¹ Facundo Quiroga é o nome de um caudilho de San Juan, cidade natal de Sarmiento, aliado de Juan Manoel de Rosas e que participou ativamente de várias batalhas desde 1810. Ainda que Sarmiento tenha-se valido de uma personagem concreta, Facundo funciona como um arquétipo.

² Muitas foram as edições de *Facundo* ao longo do tempo. Cada uma com prefácios e prólogos sempre reiterando a importância desse texto. Há quadrinhos para crianças e adolescentes com a história resumida. Tive acesso a 32 edições, incluindo a última do ano de 2006 com prólogo de Noé Jitrik.

³ Sarmiento vem ao Brasil em 1846, 1852 e 1868.



ademas, usa del médio horrible, pero necesario allí, de la esclavatura; de modo, pues, que estos elementos, los esclavos i los pastores, forman una masa de sociedad pelogrosa, preparada a recibir la insidiosa de un seductor político, por la naturaleza misma de la situación. (...) En el Brasil como en ninguna outra parte, si diseñan las diferencias de la vida europea i de la vida indíjena, porque ambas sociedades, permítasenos calificalas así viven frente a frente, morandose con desprecio, i aborreciéndose, por razon de las ventajas i misérias relativas que gozan i sufren respectivamente. Estamos mui lejos de pensar que estas dos fuezas se paralicen, i sabemos bien que los grandes centros, como el Janeiro, Bahía i Pernambuco, tienen un poder real, más activo, mas eficaz que el elemento campesino; i que a medida que pasa el tiempo, ejercen una acción más eficaz i más decisiva sobre los campos, reformando rápidamente los malos instintos que en ellos se desenvolven; pero sabemos tambien que mucho queda por hacer para poder alzar el grito de una victoria completa. Ningun pais mejor que el Brasil puede dar gracias a la monarquia constitucional; pues por ella sola se ha salvado hasta aquí i cuenta con grandes probabilidades de salvarse en adelante de la anarquia política que allí habria sido horrorosa, por razon de la situacion que acabamos de dibujar. La monarquia contitucional es en Brasil el paladium de la civilización i de la libertad.(...) (SARMIENTO, 1887, p.108).⁴

Sua escrita é leitura do outro inscrita no mesmo, de modo que para tornar esse empreendimento possível, Sarmiento torna visível e dizível as constantes relações, o contanto e o contágio dessa heterogeneidade. O completo desenvolvimento das duas sociedades, segundo o argentino, deve ser feito sob o imperativo da lei e dos traços constitutivos da civilização européia e que todo sucesso em terras americanas deve-se a correta aclimação desses traços (SARMIENTO, 1887, p.120). A partir disso, permite afirmar uma identidade, uma continuidade por de trás da diferença, pois não importam os nomes para Sarmiento. O que importa é alcançar os resultados desejados: o domínio da barbárie no caminho à civilização (SARMIENTO, 1887, p. 126). Na continuidade entre o pampa e seu habitante, os trópicos e seus problemas havia a segura mão do soberano a controlar e disciplinar a sociedade. Escrever que “los nombres nada significan” “os nomes nada significam” (SARMIENTO, 1887) significa o mesmo que lamentar que Rosas não tenha feito o mesmo que Pedro II no deserto argentino. A admiração do argentino pelo monarca brasileiro, manifestado nesse artigo e nas cartas trocadas entre eles, deve-se ao fato de sua vasta cultura, sensibilidade e princípios

⁴ Publicada pela primeira vez no periódico chileno *El Progreso* entre os dias 2 e 8 de outubro de 1844.



civilizadores. Provavelmente o imperador brasileiro, que leu *Facundo*, em 1853,⁵ e

Carvalho Guimarães, editor do *Ostensor Brasileiro*, que leu *Facundo* e a resenha do livro na *Revue des Deux monde*, em 1846, tenham percebido grandes similitudes com o contexto brasileiro.

As pulsões animais comandam *Facundo*, pois suas ações não passam pelo crivo e pelo cálculo da razão. Essa biografia da barbárie é escrita para apresentar a modernidade e a civilização como fins. Para isso há um elogio à lógica, à ação social racional. *Facundo* Quiroga seria uma antítese de Ulisses, que enfrenta e vence a irracionalidade, que consegue ouvir o encanto das sereias e enganar o Ciclope. Ou ainda seria uma antítese de Pedro II, que mesmo num ambiente inóspito como os trópicos, conseguia domar as convulsões e tensões do povo. Na sua radiografia do pampa, Sarmiento apresenta uma cartografia do vazio; não apenas de habitantes, mas vazia de sentido, de civilização; como em *La Cautiva* de Echeverría. Há aí uma clara referência a Montesquieu que havia localizado esse cenário na Ásia (ALTAMIRANO; SARLO, 1997, p.69). Assim, é possível supor a abertura de todo um arquivo orientalista em *Facundo*. O meio inóspito, o oceano em terra, é assim desenhado por Sarmiento:

Imaginemos una extensión de dos mil léguas cuadradas, cubierta toda de población pero colocadas las habitaciones a cuatro leguas de distancia unas de otras (...) la sociedad ha desaparecido completamente; queda solo la familia feudal aislada, reconcentrada, y no habiendo sociedad reunida, toda clase de gobierno se hace imposible. Ignoro se el mundo moderno presenta un género de asociación tan monstruoso como éste (SARMIENTO, 1977, p. 61).

A única sociabilidade possível no pampa seria entre pessoas mergulhadas nos vícios de toda ordem e na busca desenfreada pelas paixões. Em outras palavras, não haveria república. Esse meio geográfico, social e cultural, para Sarmiento, produziu o *gaucho*, que pode ainda ser diferenciado em quatro sub-tipos: o cantor, o rastreador, o guia e o *gaucho* mau. De todos, apenas um apresenta características negativas, o que desmontaria a tese de que todo *gaúcho*, em *Facundo*, é necessariamente mau (TERAN, 2008, p.78). O pintor-viajante bávaro Johann Moritz Rugendas, amigo do exilado Sarmiento, que também leu *Facundo* e o transformou em base ideológica para sua pintura do deserto, pintou uma série de pranchas em que cavalos e *gauchos* desfilam

⁵A edição francesa de 1853 traduzida por Guiraud e disponível na Biblioteca Nacional com apontamentos de Pedro II.



pela paisagem inóspita do pampa, denunciando a ausência de civilização. O rudimentar conjunto de gestualidades e hábitos bárbaros condizem e dizem o viver no deserto argentino. Esse ser-gaúcho é o ser que não se desejava para a Argentina do porvir. Rugendas deu vida às imagens cunhadas pelos românticos de 1837 ao pintar o outro, ao desenhar a fronteira e aquele que estaria fora dela. Em seu discurso imagético, o *gaucho* sempre aparece num ambiente hostil, agreste e sem edificações. Na vastidão infinita do pampa, o deserto é abertura contínua. Sem um ponto fixo, não há onde ir, nem onde chegar. Resta a deriva permanente, sempre acompanhada do cavalo. Animal que é quase uma extensão do corpo bárbaro do *gaucho*. O que emerge na Argentina dominada por Rosas é tão somente o campo e a barbárie advinda dele. A cidade, o comércio e o desenvolvimento, bandeiras dessa modernidade progressista, estão fora da cenografia. Rugendas mostrou-se, portanto, afinado com o pensamento da geração de 1837.

Ao tentar explicar a barbárie, Sarmiento é econômico e centra-se em Facundo Quiroga; a encarnação de todo mal. Na obra, o caudilho age por impulso e é apresentado como incapaz de articular sistemas políticos mais complexos. Suas vitórias militares nada constroem de material, pois continua a seguir em sua errática errância, na busca desenfreada por outros combates, até que a estrela da morte e sua falta de racionalidade o impeçam de prosseguir. Facundo não tem limites, ele é o próprio ser do deserto e suas falhas fatais devem-se ao seu caráter puramente instintivo. A insegurança da vida está marcada no traço constitutivo do tipo da campanha, já que seu caráter apresenta “cierta resignación con la muerte violenta” “certa resignação com a morte violenta”, (SARMIENTO, 1887, p. 44) o que explicaria a indiferença de Facundo e seu bando com a morte. O *gaucho* vive sozinho, exilado no horizonte. Não tem família, futuro, laços comunitários em vista de um bem maior. A fisionomia do *gaucho* confunde-se com o país mergulhado no latifúndio, no resto colonial a contaminar a alma do argentino. O deserto é a impossibilidade de qualquer ordenamento e é a origem da barbárie. É contra esse ordenamento imagético, é contra essa cena, que Sarmiento investia toda sua violência argumentativa. O país de paisagem inóspita só poderia gerar seres como os indígenas e os gaúchos.⁶

⁶ Em *Au Fond des Images*, Jean-Luc Nancy propõe um jogo de palavras para trabalhar a constituição imagética da paisagem de uma nação. Escreve ele: “Pays, paysan, paysage: c’est comme la déclinaison



A análise etimológica da palavra “bárbaro”, cuja raiz *bar*, deriva do sírio e significa “deserto” ou do caldeu *bara*, que significa exterioridade, permite distinguir a dupla referência ao deserto e ao exterior como esse fora que não cessa, que não finda (LEROUX; REYNAUD, 1836, p. 410). Há também o sentido grego do termo, bastante difundo no ocidente, que designa todo aquele que não era grego. Quando Sarmiento utiliza o termo bárbaro, parece valer-se dessa dupla significação: tanto como dureza, força, ferocidade, falta de comunidade e civilização, como também por esse estrangeiro que invade e destrói. Essa última concepção circulava pelo pensamento europeu do século XIX quando autores como Leroux miravam árabes, chineses e indianos. Nessa perspectiva o bárbaro, ao contrário do selvagem, tem outra natureza que se constitui em alteridade, a partir da diferença com a civilização. Dessa forma, enquanto a condição de selvagem dá-se com outros selvagens, o bárbaro só pode ser compreendido na relação com a civilização, de onde está fora, de onde é exterior (FOUCAULT, 1999). A primeira imagem da barbárie construída por Sarmiento denota de uma memória de sua infância, quando as tropas de Quiroga invadem uma pequena cidade provincial:

Qué espetáculo! Habian montado en briosos corceles tomados de los prados artificiales; y entonces usaban para guarecerse en los llanos de los montes, enormes guardamontes, que son de recios parapetos de cuero crudo, a fin de salvar sus piernas y aun la cabeza del contacto de sus espinas, como dardos de flecha. El ruido de estos aparatos es imponente, y el encuentro y el choque de és como el de escudos y de armas de combate. Los caballos briosos y acaso más domesticados que sus caballeros, se espantaban de aquellos ruidos y encuentros extraños, y en calle sin empedrar, veíamos, los espectadores, avanzar una nube de denso polvo, y preñada de rumores, de gritos, de blasfêmias y carcajadas, apareciendo de vez en cuando caras más empolvadas aún, entre greñas y harapos, y casi sin cuerpo, pues que los guardamontes les servían de ancha base (...). He aquí mi version del camino de Damasco, de la libertad y de la civilización. Todo el mal de mi país se reveló de improviso entonces: la barbárie! (SARMINETO, 1945, p.88).

A descrição da brutalidade é viva e a força do ato marca, rompe e destrói as formas de vida provinciais ou originais. Dessa forma, o bárbaro argentino, assim como

d'un mot, ou plutôt celle d'un sémantème qui ne serait aucun de ces trois mots, chacun d'eux en formant un cas. Il y aurait ainsi Le cas de la situation – pays –, le cas de l'occupation – paysan – et Le cas de la représentation – paysage. Situation, occupation et representation d'une meme réalité". "País, paisano (cidadão), paisagem: é como a declinação de uma palavra, ou melhor, de um semantema que não seria nenhum desses três palavras, mas cada uma formando um caso. Haveria, então, o caso da situação - o país - o caso da ocupação - o paisano - e o caso da representação - a paisagem. Situação, ocupação e a representação da mesma realidade. In: NANCY, Jean-Luc. Au Fond des Image. Paris: Galilée, 2003, p. 101.



as tribos que invadiram o ocidente, aparecem como sujeito-antítese à vida civilizada. Diante dessa civilização, o bárbaro, figura exterior, mantém um completo rechaço e uma hostilidade permanente na obra de Sarmiento. Esse outro, o bárbaro, está no fundo de uma história sobre a qual se faz destruindo. Assim, na base da narrativa nacional, esse sujeito, construído no e pelo discurso, não pode ser outra coisa que não o mal, o arrogante, o inumano.

Em *Facundo* não há qualquer definição de civilização. É possível diagnosticar, entretanto, uma oposição sistemática a sustentar um programa político: contra a força animalizada do indígena e do gaúcho, há o direito; contra o campo, aparece a cidade; contra a ignorância, a educação; contra o deserto, a comunidade e a fronteira; contra o despotismo, a democracia. É em *Viajes* que Sarmiento vai citar a definição da palavra *civilização* e o faz baseado no dicionário *Salvá*: “Aquel grado de cultura que adquieren pueblos y personas, cuando de la rudeza natural pasan al primor, elegância y dulzura de voces y costumbres propios de gente culta” “Aquele grau de cultura que adquirem os povos e pessoas quando, da rudeza natural, passam ao primor, elegância e doçura vozes e costumes próprios de gente culta” (SARMIENTO, 1993, p. 300). Essa definição caberia melhor para o termo civilidade, pois essa dimensão de refinamento dos costumes não acaba com o sentido de um processo. Supõe também tanto uma perfeição moral, como um desenvolvimento para submeter as forças da natureza ao seu uso, ao seu comando, pois para Sarmiento

el mayor número de verdades conocidas constituye solo la ciencia de una época; pero la civilización de un pueblo solo puede caracterizarla la más extensa apropiación de todos los productos de la tierra, el uso de todos los poderes inteligentes y todas las durezas materiales, a la comodidad, placer y elevación moral del mayor número de individuos (SARMIENTO, 1993, p. 301).

Assim como o termo barbárie, a palavra *civilização* já aprecia desde o final do século XVIII vinculada a pressupostos de perfectibilidade e progresso da condição humana (STAROBINSKI, 1999). Foi Marquês de Mirabeau quem o usou pela primeira vez na França, em 1756. O termo ganhou força de uso rapidamente, pois era um vocábulo sintético que definia um conceito já existente: domesticação dos costumes, desenvolvimento da cortesia, cultivo das artes e da ciência, auge do comércio, comodidades e luxo. Ao ganhar posição na linguagem, a noção de civilização passou a



ser um núcleo de reflexão filosófica e histórica e foi Guizot (leitura obrigatória para Sarmiento) em seu *Cours d'Histoire Moderne (1828 – 1832)* quem a colocou como ponto de partida para sua história universal (GUIZOT, 1839: 11). Sem entrar nos méritos e nos desvios de definição que esse conceito traz, mesmo dentro da obra de Guizot, cabe pontuar as bases do pensamento sarmientino no que se refere aos usos dessa noção. Tanto para o francês, quanto para o argentino, civilização, em sua dimensão social, pressupõe um aperfeiçoamento da vida civil, da sociedade propriamente dita, das relações entre os cidadãos, representadas pela melhor organização das instituições que garantiriam o bem-estar dos indivíduos. A aproximação do sentido moderno de *civilização*, cunhado pela filosofia da história francesa no século XVIII, inclui as conquistas morais e o desenvolvimento das potencialidades e das capacidades sentimentais e racionais dos homens (VILLAVICENCIO, 2008). Essa inexorabilidade do melhoramento aliado à crença de uma racionalidade triunfante somam-se, em Sarmiento, a um sentimento de missão que impulsionava seu projeto político, marcado pela carga positiva contida no termo *civilização* e no juízo negativo de seu outro, a *barbárie*. Retomando o modelo historicista, Sarmiento acreditava na superação de todos os aspectos da barbárie, na inquestionável vitória da civilização.

Essa tensão permanente entre civilização e barbárie é uma marca constitutiva da própria construção do “eu” de Sarmiento e, por conseguinte, do “eu” da nação percebido em seu projeto. Se o sujeito é uma posição na linguagem, não há texto em que um autor não esteja constituindo-se. E aí se abre, portanto, a leitura de uma ausência: se na obra máxima de Sarmiento, *Facundo Quiroga* é a encanação da realidade bárbara em que a Argentina encontrava-se, (o secreto enigma a ser desvendado, o anti-herói a ser batido) quem é o herói da civilização? No livro não existe nenhum herói equivalente a *Facundo*, ainda que o livro seja uma máquina de superação da barbárie como já referi. No entanto, o autor sabe que o dia derradeiro de Rosas chegaria, pois isso é era natural e lógico para Sarmiento. Semelhante premissa aparece em o *Manifesto Comunista*, de Marx, escrito três anos depois, em 1848. O livro é construído na mesma lógica de superação inexorável do capitalismo, por parte da classe trabalhadora, a grande “heroína” do providencialismo da lei progressiva da história.⁷ Lei da humanidade que triunfa sobre as tradições envelhecidas e os hábitos ignorantes, como

⁷ Cf. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *O manifesto comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.



escreveu Sarmiento o argentino durante seu exílio. O herói da civilização, aquele que teria vencido os vícios, o autoritarismo, o deserto e o bárbaro, que acaba com o vazio argentino é o próprio Sarmiento, exilado no texto e em vida. Nascido na província, o argentino de San Juan, teria, aos seus olhos, superado todos os obstáculos para polir-se, civilizar-se e policiar-se. O herói ausente em *Facundo*, ganha materialidade, presença, em obras como *Mi defensa* e principalmente em *Recuerdos de Provincia*.

Na abertura de *Recuerdos*, Sarmiento reconstrói seu drama familiar inserindo-o numa rede de juízos e reflexões acerca dos efeitos traumáticos das transformações históricas. A lente historicista amplia os eventos familiares e os transforma em veículo de um drama histórico, como uma esquina onde se encontram dois tempos: o passado colonial espanhol e a vontade desenfreada por reformas: “deténgome con placer en estos detalles, porque santos e higuera fueran pernosajes más tardes de un drama familiar en que lucharon porfiadamente las ideas coloniales con las novas” “detenho-me com prazer nesses detalhes, por santos e figueiras foram personagens mais velhos de um drama familiar em que lutaram porfiadamente as idéias coloniais com a novas” (SARMIENTO, 1979, p.144). O argentino redimensiona “la pequeñez” de sua vida individual e familiar construindo uma solidariedade orgânica e íntima entre sua trajetória biográfica e a história da pátria:

Extrañas emociones han debido agitar el alma de nuestros padres en 1810. La perspectiva crepuscular de una nova época, la libertad, la independencia, el porvenir, las palabras nuevas entonces, han debido estremecer dulcemente las fibras, excitar la imaginación, hacer agolpar la sangre por el corazón de nuestros padres. Yo he nacido en 1811, el noveno mes después de 25 de Mayo (SARMIENTO, 1927, p.160).

Sarmiento é o emblema, a alegoria do providencialismo histórico de seu tempo. Sua “vida exemplar” ganha forma e força de um autodidatismo moral, de uma intenção política deliberada. O traço constitutivo do seu “eu”, erguido nas páginas de seus escritos, nos chegam como escombros de um desejo de modernidade, que se converte na potência biopolítica de si. Sarmiento é a máquina de aprender, é herdeiro de uma linhagem dos que se fizeram a si mesmos. Ele se quis como paradigma, como exemplo nacional, por isso se fez estátua em vida; estátua revestida de sacralidade a ser cultivada



pelas gerações futuras. Assim como a Argentina superaria a irracionalidade de Facundo e Rosas, Sarmiento superou as adversidades.

O argentino teria aprendido a ler sozinho e assegura, insistentemente, “haber aprendido a leer muy bien” “ter aprendido a ler muito bem” (SAMIEN TO, 1927, p.160). A memória da infância sofrida na distante San Juan encobre um sentido bastante caro para Sarmiento (que já contava com trinta anos quando escreve *Mi defensa*) em seu empreendimento de si: ao atravessar a barreira social que separava os iletrados dos letrados, Sarmiento ganha o respeito e admiração. Poder ler significa independência intelectual e “leer muy bien” “ler muito bem” alcança, ao mesmo tempo, a capacidade de aquisição de um patrimônio simbólico e os instrumentos de emancipação cultural. Contudo, a centralidade da argumentação de *Mi defensa* e *Recuerdos* é a história de sua aprendizagem como superação das dificuldades materiais e sociais: “la fatalidad intervenía para cerrarme el paso” “ a fatalidade intervenha para me fechar o caminho”. O azar e a política bárbara são as grandes figuras dessa fatalidade e foi contra ambas que Sarmiento narra sua conquista cultural, para prontamente transformar-se em arma contra o que chamou de barbárie e brutalidade. Em duas ocasiões não exitosas, Sarmiento esteve prestes a conseguir uma vaga no prestigiado *Colegio de Ciencias Morales*, em Buenos Aires. No entanto, como narra em *Recuerdos*, na primeira vez não conseguiu a esperada bolsa de estudos e na segunda tentativa não consegue sair de San Juan porque Facundo Quiroga e seus homens haviam tomado as ruas da cidade com sua “sinistras banderolas” “sinistras bandeirinhas”. No relato, o fracasso da viagem e a chegada de Quiroga estão implicadas numa casualidade tão mecânica e irrefutável, que Sarmiento não tece qualquer explicação.

Essa é a primeira de uma série de eventos de sua vida que se cruzam com os da história da província, pois Sarmiento narra uma série de outros fatos que impossibilitam qualquer fagulha de civilização na distante província. Sua tentativa de estudo nos precários colégios da região é sempre ceifada por alguma intervenção dos caudilhos (ALTAMIRANDO; SARLO, 1997, p.125). A história das guerras civis proporciona a Sarmiento os obstáculos e a fatalidade que se colocaram no caminho de sua ilustração formal. Convertem-se em sintomas de suas intervenções no campo da educação (adestramento) e na máquina de guerra a caçar indígenas e incentivar a imigração européia que armaria a partir de 1868, quando se tornou presidente da Argentina. Essa



obsessão pelo formalismo, pela civilização, pela Europa, pela repressão dos instintos apresenta requintes de um recalque nada velado. Na descontinuidade desejada por Sarmiento, emerge o não-triunfo da história originária. No entanto é justamente esse não-triunfo que confere potência de desvio ao devir, a ação onde se encontram passado e presente abrindo uma fenda na origem anunciando (DERRIDA, 1995, p.221). No caso de Sarmiento, em que o recalque foi vivido individualmente e sentindo como *pathos* do romantismo, logo da comunidade, recoloca a origem desejada no futuro, em seu projeto de nação. A cena idealizada no lamento da infância, ceifada pela barbárie é desaparecimento constante; ausência originária que trabalha como fantasma na escritura de Sarmiento. Escritura que não é pensada fora do recalque, pois sua condição requer que haja uma tensão entre o contato permanente e a ruptura. Dentro disso, o sujeito-autor Sarmiento não existe em sua solidão absoluta, pois carrega um complexo sistema de relações de camadas: o mágico, o psíquico, a sociedade, o mundo. Sua escritura é mais do que uma resposta a alguém: ela é máquina que não anda sozinha, é uma mecânica sem energia, pois na origem as máquinas têm relação com a morte, ou melhor, como as engrenagens do fazer morrer e deixar viver. Dessa forma, a educação formal e a máquina da civilização (ou modernidade) tornam-se fetiche no corpo do autodidata e provinciano Sarmiento e, por conseguinte, do corpo da nação. Sarmiento pratica uma autografia na medida em que constitui uma memória do corpo, na medida em que procede um arquivamento do traço ou um fantasma da assinatura convertida em fetiche, em objeto ausente. Fetiche que é presença do nada em sua elaboração de memória e sinal da ausência na constituição de si. Símbolo de algo e de sua negação, a falta provoca uma verdadeira cisão no “eu” (AGAMBEN, 2007, p.61). Essa falta originária jamais será evocada integralmente, pois se torna presente mediante sua negação, ou a negação da causa originária: Facundo ou Rosas; os nomes próprios da barbárie; a abertura geral para a lei do outro. Essa autografia sarmientina é na verdade uma *tanatobiografia*, o outro nome do texto que tece a vida com a morte. A vida que foi falta na origem e será como morte no futuro. Morte do outro que já é ausência.

A presença é promessa salvacionista do futuro, da educação e moralização do povo. Suas idéias sobre educação pública estariam intimamente relacionadas às suas concepções republicanas européias, especialmente aquela mais próxima do ideal de humanismo cívico, baseada no antigo sonho de uma república de cidadãos mais igualitária. Sua quimera consistia em uma república capaz de instituir a virtude em seus



membros por meio da educação pública e do exercício da liberdade política. A

educação pública seria, assim, o meio para se alcançar uma consciência democrática, o progresso, a liberdade e a ordem, e para elevar as condições de vida moral e material dos povos. Em *Educación Popular* ele escreveu que:

El lento progreso de las sociedades humanas ha creado en estos últimos tiempos una institución desconocida a los siglos pasados. La instrucción pública, que tiene por objeto preparar al uso de la inteligencia individual, por el conocimiento aun que rudimental de las ciencias y hechos necesarios para formar la razón, es una institución puramente moderna, nacida de las decisiones del cristianismo y convertida en derecho por el espíritu democrático de la asociación actual. Hasta ahora, dos siglos, había educación para las clases dominantes, para el sacerdocio, para la aristocracia; pero el pueblo, la plebe, no formaba propiamente hablando, parte activa de las naciones (SARMIENTO, 1989, p.55).

Sarmiento acreditava que a barbárie era resultado direto da falta de educação formal dos argentinos (e sua). Muitas são as passagens em que ele faz referência e analisa esta idéia. Algumas vezes fazendo-o em oposição a Europa civilizada ou aos Estados Unidos, que também seduzia a Alberdi. Em *Viajes*, Sarmiento defende que a paz e a harmonia observadas nestes países se deviam a existência de ao alto nível de instrução de boa parte da população. O fato de que todos os norte-americanos passavam vários anos de sua infância estudando na escola explicava o difundido exercício da razão. Os países da América hispânica ofereciam assim, discurso de Sarmiento, um forte contraste com o povo norte-americano quanto ao reino da razão e, por consequência, quanto ao papel da educação pública na sociedade. Segundo ele, fazia muita falta uma formação moral que possibilitasse “la vida inteligente y activa que como republicanos y como miembros de la familia cristiana deben llevar a cabo”. De um lado, havia o atraso, a desordem crônica, a herança espanhola, o vazio de população, a pobreza; de outro, encontrava-se uma plenitude de tudo que era elevado e universalmente bom.

Nessa passagem, no y que separa (e une) civilização e barbárie inscreve-se a potência do assujeitamento, transformando o indivíduo num átomo fictício de uma elaboração imaginada de sociedade, por uma tecnologia específica de poder denominada “disciplina”.⁸ A eficácia desse dispositivo centra-se nos instrumentos

⁸ Sobre essa nova maquinaria, chamada sistema nacional de ensino, Foucault escreve que: “esse poder sobre a vida desenvolveu-se a partir do século XVII, em duas formas principais; que não são antitéticas e constituem, ao contrário, dois pólos de desenvolvimento interligados por todo um feixe intermediários de relações. Um dos pólos, o primeiro a ser formado, ao que parece, centrou-se no corpo como máquina: no



disciplinas do aparelho estatal, também conhecidos como hierarquia, sanção e norma que se articulam sobre o império da lei. A educação surge como uma face dessa força. Institui uma nova economia de poder com os códigos normativos afeitos a docilização dos corpos (FOUCAULT, 1997). Corpos constantemente seqüestrados, para inscrição do ordenamento, do autocontrole, da aprendizagem, da autoconservação física, das engrenagens do progresso *necessário* às nações modernas. O cuidado controlado ganharia os requintes do “fazer viver”, excluindo (ou fazendo morrer) todos aqueles que estariam fora da moldura do desejo nacional: os imundos, os sujos, rudes, viciosos, os patologizados, enfim, os bárbaros de Sarmiento.

Fetichismo foi cunhado da palavra feitiço, cuja raiz latina está ligada a palavra *facere* que, em seu sentido mais arcaico, possui um valor religioso; algo como “fazer um sacrifício”. Nesse sentido, todo *factício*, está na esfera religiosa, que para Sarmiento torna-se providência. A nação tem na sua origem no trauma do seqüestro da possibilidade de civilização que reaparece no futuro como recalque, como superação das sombras. Por isso Sarmiento precisa convencer seus pares (e talvez a si mesmo) de sua condição elevada. Para ele, a educação e a moralização do povo seriam antídoto para o fantasma de Facundo, o anti-herói; e para ele próprio: o herói não necessário no amanhecer da nação.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. Freud ou o objeto ausente. In: **Estâncias**: a palavra e o fantasma na cultura ocidental. Belo Horizonte: Humanitas, 2007.

ANTELO, Raul. **Algaravia**: Discursos de Nação. Florianópolis: Ed. UFSC, 1998.

ALTAMIRANO, Carlos & SARLO, Beatriz. **Ensayos Argentinos**: de Sarmiento a la vanguardia. Buenos Aires: Ariel, 1997.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: o nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1997.

seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos – tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as disciplinas: anátomo-política do corpo humano. O segundo, que se formou um pouco mais tarde, por volta da metade do século XVIII, centrou-se no corpo espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e controles reguladores: uma bio-política da população.” In: FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Grall, 1998, p.155.



_____. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Grall, 1998.

_____. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GUIZOT, Françoise-Pierre. **Cours d'histoire moderne (1828 – 1832).** Paris: Libraire, 1839.

LEROUX, Pierre & REYNAUD, Jean. **Encyclopédie Nouvelle.** Dictionnaire philosophique, scientifique, littéraire et industriel. Tomo II. Paris: Libraire de Chales Gosselin, 1836.

MÄDER, Maria Elisa. Olhares cruzados: Sarmiento e o Império do Brasil. In: **Anais do VII Encontro Nacional da ANPHLAC,** Vitória, 2008.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

NANCY, Jean-Luc. **Au Fond des Image.** Paris: Galilée, 2003:101.

SARMIENTO, Domingos Faustino. Política exterior de Rosas. In: **Obras Completas.** Vol. VI. Buenos Aires: Felix Lejouane, 1887.

_____. Mi defensa. In: **Sarmiento en destero.** Buenos Aires: Gleizer, 1927.

_____. **Recuerdos de província.** Buenos Aires: Elevación, 1945.

_____. **Facundo:** civilizacion y barbarie. Venezuela: Ayacucho, 1977.

_____. **Educación Popular.** Buenos Aires: Banco de la Provincia de Córdoba, 1989.

_____. **Viajes por Europa, África y América (1845 – 1847).** Buenos Aires/Paris: ALLCA XX/UNESCO, 1993.

STAROBINSKI, Jean. La palabra civilización. In: **Prismas:** Revista de História Intelectual, n. 3, Buenos Aires, Universidad Nacional de Quilmes, 1999.

TERAN, Oscar. **Historia de las ideas en la Argentina:** Diez lecciones iniciales, 1810-1980. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2008.

VILLAVICENCIO, Susana. **Sarmiento y la nación cívica:** ciudadanía y filosofías de la nación en Argentina. Buenos Aires: EUDEBA, 2008.

Recebido em 05 de Agosto de 2013.

Aprovado em 10 de Novembro de 2013.